

O TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA: um desafio para a família, a escola e a sociedade

Marijara de Lima¹
Sarah Gonçalves Barros²

Na sociedade, no convívio familiar, ou no âmbito escolar, frases taxativas como “Ele (a) não aprende porque não quer”, “Nossa, já cansei de repetir, ele (a) não aprende por preguiça.”, “Ah, mas isso é falta de limites, de estabelecer um horário para suas atividades.”, “É sempre assim, ele (a) vive no mundo da lua”, “Que menino (a) inquieto (a)”, permeiam as falas daqueles que conhecem, acompanham e convivem com a criança ou adolescente com alguma dificuldade de aprendizado ou falta de controle relacionado ao seu comportamento.

O que por vezes não se percebe é que inerente à problemática acima apresentada pode existir o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, popularmente conhecido como TDAH. É neste contexto que tanto a família quanto a criança/adolescente com TDAH são exaustivamente julgados cotidianamente, e se a situação já era difícil em tempos ditos “normais”, em um cenário pandêmico, vivenciado desde o mês de março de 2020, muitas destas atitudes foram potencializadas.

Um dos comportamentos mais evidentes daqueles que tem essa disfunção é a dificuldade em seguir regras, fato este que, segundo pesquisas, pode estar relacionado a uma alteração nas funções executivas. Assim, torna-se relevante a busca pelo entendimento sobre o assunto, pois por se tratar de um transtorno do neurodesenvolvimento que tem a sua gênese na infância, pode gerar diversos e inúmeros prejuízos à vida pessoal e social do indivíduo, caso não seja diagnosticado precocemente.

Pessoas com este transtorno podem apresentar uma acentuada dificuldade para se concentrarem, insucesso no rendimento escolar e, por vezes, não conseguem acompanhar as longas explicações em apresentações e aulas, por exemplo. Frente ao período pandêmico exigiu-se o isolamento social e, conseqüentemente, um maior tempo dentro de casa, situação

¹ Graduação em Pedagogia, Especialista em Docência no Ensino Superior e em Docência na Educação à Distância, MBA em Ciências da Educação. Mestranda em Administração Educacional e Regulação da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa/Portugal). Atualmente faz parte do Núcleo de Educação a Distância do Centro Universitário Alfredo Nasser e atua como professora formadora no Centro de Ensino e Aprendizagem em Rede (CEAR-UEG).

² Graduação em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná, pós-graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica e Docência do Ensino a Distância em EaD, MBA em Ciências da Educação, Mestre em Educação na Universidade Lusófona do Porto - Portugal, atualmente é psicopedagoga e professora no Centro Universitário Alfredo Nasser.

esta que intensificou os comportamentos citados, haja vista que no lar os distratores são maiores, as aulas *online* são cansativas, e a falta de organização de horário, bem como a ausência de lazer tornaram o processo de ensino e aprendizagem mais difíceis.

É aí que se evidenciou, e ainda permanece claramente, a tarefa desafiadora de mediar o aprendizado, seja no âmbito escolar, familiar e também social, daquele com TDAH, haja vista que cada um apresenta características diferentes, e que muito embora sejam similares, são indivíduos únicos. Neste sentido é fundamental que tanto a família quanto a escola tenham conhecimento sobre o assunto, bem como receba o relatório médico do aluno.

Em alguns casos a medicalização pode ser necessária, sendo que os principais fármacos utilizados podem ter ação curta ou prolongada. No geral, são receitados os psicoestimulantes que de alguma forma são benéficos em crianças no período escolar, tendo em vista que aumentam a atividade neural do Sistema Nervoso Central, o que possibilita uma maior concentração em relação às atividades diárias.

É válido destacar que, em contrapartida e de forma negativa, essas medicações vêm sendo utilizadas indiscriminadamente entre aqueles que desejam potencializar os estudos, melhorar a concentração com o objetivo de conseguirem maiores rendimentos acadêmicos. Ressalta-se, portanto, que essas drogas só podem ser compradas e/ou adquiridas com apresentação de receita médica e como qualquer outra, seja ela lícita ou ilícita pode causar dependência química, devendo ser usada exclusivamente quando for necessária e quando outros recursos terapêuticos não forem suficientes.

Deste modo, aos que não possuem TDAH e tem como objetivo melhorar a concentração, memória e raciocínio lógico recomenda-se outras formas eficientes, como por exemplo, o acompanhamento com psicopedagogo, neuropsicopedagogo, Terapia Cognitivo Comportamental, ou até mesmo métodos de ensino previamente planejados para cada realidade e indivíduo.

A fim de retomar a discussão acerca daqueles que realmente apresentam o déficit, vale salientar a existência de várias teorias psicológicas que auxiliam no desenvolvimento positivo das pessoas com TDAH. No Brasil, de acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção, dentre outras, a mais indicada é a Terapia Cognitivo Comportamental, realizada por psicólogos. Caso esteja associada alguma comorbidade, como por exemplo dislexia ou disortografia, outros profissionais poderão ser indicados, tais como fonoaudiólogos, psicopedagogos, neuropsicopedagogos etc.

Em meio à pandemia, e em um contexto escolar em que as aulas em sua maioria acontecem remotamente e com os mais diversos recursos tecnológicos é importante que o professor realize uma aula dinâmica e criativa. Metodologicamente, enquanto estratégia indica-se mudar o tom de voz, dar ênfase em alguns pontos que achar relevante, bem como lançar mão dos elogios, que também são bons reforçadores. Antes de iniciar as aulas estabeleça as regras da aula online, mantenha as câmeras ligadas, assim, será possível observar melhor o aluno. As ferramentas tecnológicas são fundamentais neste período e a internet possui excelentes opções que poderão ser úteis. É possível criar jogos utilizando apenas o *PowerPoint*, criar charges e histórias por meio do *Pixton*, mapas conceituais com o *Mindmeister* ou *Coggle*, o seu próprio jogo utilizando o e-futuro ou consultar o *Human Body*.

Além disso, sabe-se o quanto é fundamental a formação continuada docente. Para tanto, sugere-se realizar cursos na internet que auxiliam na confecção de jogos, brincadeiras, dinâmicas, recursos lúdicos utilizando as plataformas existentes. Muitos cursos são gratuitos e com a grande vantagem de serem realizados de modo *online*.

Em casa, em tempos de isolamento social é importante que os pais estabeleçam prioridades, como acompanhar as atividades escolares e observar os recados que são enviados por meio de aplicativos ou agendas, assim como manter o ambiente de estudo com a menor quantidade possível de estímulos para evitar que a criança se distraia. Procure utilizar regras breves, claras, sem discurso e criar uma agenda semanal. Se possível cole em local visível, mantenha um horário para o lazer em casa, ou seja, mesmo que não seja possível sair e frequentar parques ou praças, utilize brincadeiras simples em casa como: morto vivo, pega balão, corrida do ovo etc.

No que tange à sociedade e ao convívio deste nos mais diversos meios, ainda é condenável a atitude das pessoas no que diz respeito ao Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. Apesar de inúmeros estudos e pesquisas sobre o assunto, muitos continuam achando que se trata de “preguiça” ou “falta de limites”. É preciso, portanto, que essa concepção seja contrária a isso. Mas, a pergunta que surge é: de que modo isso pode acontecer? A partir do momento em que a família e a escola reconhecerem e apresentarem à sociedade de forma clara as dificuldades enfrentadas por estas pessoas, bem como a forma correta de lidar com elas, isso refletirá em menos rótulos e mais ações e atitudes positivas.